

O PÃO

DA PADARIAESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Julho de 1895.

NUM. 20

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 28000
Numero avulso 500
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança des-
contamos de necessitar assignaturas para o
interior e Estados por menos de um se-
mestre. O preço e o mesmo da capi-
tal.

O Pão publicase duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa
o obsequio de declararem a origem das
peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao nosso gerente, a rua da
Major Farinada n. 1.

SUMARIO: — Os quinze dias, Moacyr Ju-
rena; — Noivado eterno, Joaquim de
Araujo; — Com a Thebaida, B. J.; —
Historia de uma laren, Antonio Salles;
— Do Campo, Satyro Alves; — A
voz, Ernesto Corrêa; — A normalista,
Rodolpho Theophilo; — Cheamus, X. de
Castro; — Bibliographia, M. J.; — Es-
ther, Lívio Barreto; — Transpouda a
Seca, A. S.; — Recados, M. Imprensa
Literaria, S. B.; — Carteira.

Os quinze dias

Beni perto de mim estende-se de um
canto a outro do quarto uma rede convida-
tiva, o somno faz-me fosquinhas e entre-
tanto... é preciso que eu fique chumbado a
esta cadeira, curvado sob o fôco de gaz, de
penna erguida á espera de idéas que não
flearam de vir.

Si me perguntassem agora o que estou
fazendo, responderia, como o inguez da
cidade, — que estou me divertindo.

So ha uma profissão tão divertida como
a de chronista e a de pescador de linha.
E ate se parecem bastante. Pescar assum-
ptos e pescar peixes vem a ser quasi o mes-
mo, com a differença de que os assumptos
não têm, para vir ao bico da penna, o es-
timulo da isca, e o referido bico não pes-
ca as qualidades apprehensoras do anzol,
que para ser direito tem de ser torto na
expressão de um enigma popular.

Si ao menos eu fosse um pescador de
aguas turvas, encontraria muito mais facil-
dade em levar ao cabo a minha missão.
Porque as aguas andam turvas e a missão
andam

Que aguas são essas e quem as turvou
é que não convem dizer.

Só o que sei é que o estado das cousas em
geral não é lá de uma crystallinidade para
que digamos.

Entretanto continua a chover como si
estivessemos em pleno Abril.

Agora mesmo, enquanto a penna vai
caracolando sobre as pautas azues do al-
masso, a chuva chia sobre o telhado e es-
parrinha-se sonoramente nas calçadas que
lampejam sob a irradiação do gaz.

Tranzeintes pressurosos vão em rumo
de casa ao abrigo dos guarda-chuvas got-
tejantes.

A cidade aferrolha-se, pondo um preco-
co ponto final nas diversões do domingo.

E chove... chove...

Dens quando se occupa do Ceará para
o emprego de qualquer uma das quatro
operações, perde, com licença da palavra,
as estribeiras. Num anno mata a gente a
sede, no outro mata afogado.

O mesmo dá-se quando se tracta de jor-
nalismo.

Ha pouco tempo, de jornal diario tinha-
mos a Republica nua e no sal.

Depois appareceu o Diario do Ceará,
agora surge o Jornal da Tarde e annun-
cia-se para breve o Ceará orção da oppo-
sição.

Vocês não acham que e muito jornal para
esta cidadezinha, que, segundo a phrase do
Carlos Gomes, e os olhos da Patria Bra-
sileira corporificada numa formosa in-
dia?

Brevemente quem quizer andar a par-
das novidades e em dia com a opinião
da imprensa tem de gastar diariamente
400 reis, isto sem falar na assignatura
d'A Verdade, cuja leitura nenhum ca-
tholico que se preze pode dispensar so-
bretudo si alliar as suas convicções re-
ligiosas um certo gostinho pelas polem-
icas em estylo crespo e matisado de
laivos sebastianistas...

Si o freguez tem gosto pelas lettras,
a despeza augmenta consideravelmente
com a assignatura da Revista do Instituto,
d'O Pão (2000 rs. por trimestre, paga-
mento adiantado), do Invenio, e da futura
Revista da Academia.

Beni carosinho portanto o pão de espí-
rito para estes «pobretões» que tão peno-
samente ganham o pão corporal.

Mas que fazer?

E argumentarmos com o balança,
porque do contrario não seremos o povo
da terra da luz.

Não devemos fugir o corpo a respon-
sabilidade deste immenso qualificativo
Precisamos de um pão de tal forma que

por ali se pense que vivemos dentro da
letra do axioma positivista, vivendo ab-
solutamente ás claras.

E não ha como a imprensa para levar a
luz a todos os reconditos.

Cada jornal fará o effeito, si me permit-
tem a phrasa, de um holophote moral a
jorrar myriades de raios sobre a alma da
população.

Será um deslumbramento com todas as
suas consequências.

E ninguém se admirará que demos por
pau e por podras, sabendo que os proprios
passaro quando se deslumbram vão de
encontro ás paredes esmagando ás vezes
o craneo ou rachando a titolla...

Si parecermos povo de vista curta, sur-
girá logo a explicação é do excesso de
luz, excesso que nos obrigará tambem a
andar de feições contrahidas sem que
aliás sofframos de callos ou achemos a
vida menos suave.

A consciencia publica terá a claridade
crua do pino do dia, e todas as acções
se patentearão como uma nitidez in-
ludível.

Pela parte que nos toca, cá estamos
de archote em punho para as lúminas.

Podem dizer os maldizentes que O
Pão não é tal um archote, mas uma pobre-
vela de carnaluba: não importa, cum-
primos o nosso dever concorrendo para
que isto fulgure, flammeje, arda, fulja e
resplenda e nós nos revolavemos nesse di-
lavio de luz como as salamandras lúclia-
gas.

R quando um dia o povo cearense des-
filar ante o olhar do historiador, este terá a
impressão de quem contempla uma res-
plendente marche aux flambeaux.

Haja luz, portanto, e... chova arroz.

MOACYR JUREMA.

Com a «Thebaida»

Li a pouco tempo em uma revista de
psychiatria que n'um hospital de doidos
na Inglaterra acabava de ser montada
uma officina typographica, onde era
impresso por doidos um jornal religioso
por doidos.

E veio-me a curiosidade de ver esse
jornal que deve ser interessantissimo.

Ultimamente pensei tel-o conseguido
quando me veio em mãos o numero
da Thebaida.

Era engano. A Thebaida não e pre-
cisamente o mesmo periodico referido
na revista psychiatria e a penna do

mesmíssimo genero, e por um hem se pode fazer idéa do que seja outra.

A differença entre elles é que os redactores de um estão recolhidos ao hospicio, os do outro andam zoltos.

Exceptuadas duas ou tres composições em que na *Thebaida* ha senso commum, o mais é tudo cousa de nephelibatás, symbolistas, *estrangeiros* de Santiago, etc.

Por ora, das diversas produções em que os ex-romeiros de Santiago, após tolos da *alta espiritualidade* expectaram sua bilis sobre a elite do mundo litterario, desticarei sómente aquella que listingue a Padaria Espiritual do Ceará e honra-a, incluindo-a entre as illustres victimas da referida bilis.

Barbaros é o titulo de um artigo (?) no qual uma pobre alma que dá pelo tolos nome de *Pedro, o eremita*, com uma logorrheia de phrasas desconexas, caracteristicas de terebração atrophada, arrumou mein d'ia de desaforos á Padaria Espiritual, ao Centro Litterario e ao Ceará.

Insultos á Padaria fazem-nos sorrir. Quando ella se installou a 31 de maio de 1892, foi fazendo escandalo e alvoroçando os pacíficos burguezes, e desde essa data muita descompostura tem levado dos *nullos* (com a minúsculo) o despeitados de toda iorte. O Centro creio que tambem por descomposturas não se põe a caldos.

E por isso é mister significar a esse *Pedro, o eremita*, seja elle mentecapto ou simplesmente tolo, que, para se pegar com a gente do Ceará vantajosamente, são precisos muitos requisitos que lhe faltam.

Começa *Pedro* (virgula) *o eremita* dizendo que a *selecção manda que elle escolha* etc.

Primeira asneira.

A selecção não manda, faz; ella não é um preceito, é um facto. Si Pedro quer fazer *selecção*, o faz espontaneamente, não obedece a ella. E si se trata de selecção natural, esta se opera fatalmente, e o *Pedro* ahí faz o mesmo papel daquelle outro pobre doido que dizia ter collaborado com Deus na criação do mundo.

Continúa *Pedro o eremita* dizendo que procura nos livros *uma nova sensação, alguma cousa de não usado ainda, um lado negro das cousas que exija um golpe de luz*. Mas não consegue *Pedro* o *paspalhão* fazer no seu artigo cousa ainda não usada (porque tolices em todo tempo se têm dito) nem produzir sensação nova (porque o tedio é tão velho quanto o mundo).

Diz adiante que *entre nós, por condições de raza, por condições de clima, por condições de meio e por outros porcos mais, poucos são os livros de accordo com a orientação norianina do século*.

Pode ser, e com certeza ainda menos o é a *Thebaida* que se caracteriza unicamente pela *desorientação*.

E por isso diz ainda que surgiu no territorio sagrado da arte uma horda de barbaros e segue comparando-os aos ostromagos e wisigodos, dos quizes diz que eram servos da gleba e que talaram os campos, demoliram os templos, destruíram a civilização antiga, revelando assim *Pedro* o *paspalhão* uma completa ignorancia da Historia confundindo os gozlis que espretem um as...

stituições e crença dos povos vencidos e assimilaram facilmente a civilização, com os hunos e os vandalos, e julgando-os escravos, a elles que eram liberrimos e livres se chamavam e de livres se ufanavam.

Estes barbaros (os de hoje) que são barbaros porque não comprehendem o *symbolismo*, (com duas y—é textual) somos nós—os do Ceará, que amamos tenda nas *praias oxygenadas pela salmgem marinha* (!)

Forte asneira, esse *Pedro*!

Onde S.S. viu a salmgem oxygenar cousa alguma? O ar marinho é justamente o ar mais pobre de oxygenio, seu *Pedro*! Fortemente oxygenado é o ar dos campos cobertos de vegetação, dos bosques, da floresta.

Ignorante

Ainda não é tudo. *Pedro, o asneirão*, descobriu o *terral que sopra do mar!!!*... Não é invenção nossa: lá está escripto em letra de impressão—*terral que sopra do mar*!

E nós, e com osco todos os dictionarios e todos os habitantes das praias (onde a salmgem não é oxygenada) estávamos todos em erro, persuadidos de que *terral* é o vento que sopra de terra para o mar pela manhã...

Depois disto vai *Pedro*, o destructavel, phantasiar o retrato do Antonio Salles, de avental, cafurinha branca na cabeça, e empunhando uma pá.

Errado o seu retrato. Decentemente vestidos e de flor no peito é que os da Padaria Espiritual se apresentam ás suas sessões, que são quasi sempre deliciosas soirées litterarias e musicas, enriquecidas com a presença de Senhoras elegantes, instruidas e espirituosas, ante as quaes só uns porcalhões como esses da *Thebaida* ousariam se exhibir n'aquelles trajas.

Mais adiante diz ainda *Pedro*... *Malazarte* que o *Lopes Filho agarrou-se ao badallo colossal dos Phantos, e dobra-o e redobra-o*... Que Hercules, o *Lopes Filho*!... Dobrar e redobrar um badallo colossal! E por fallar em dobrar o eremita vai dobrando o l de badallo, talvez no intuito de encompridar ainda mais o badallo do *Lopes Filho*. Sempre gostam assim de coisas compridas esses nephelibatás.

E continúa por ahí *Pedro*, o pascacio até snilar na *grimace phantastica do som*.

Bravos! Cá está uma das *novas sensações* que elles procuram, um dos *estados de alma desconhecidos*... de todos aquellos que ainda não perderam o juizo:—*Vér as carêtas do som*!...

Dizem os medicos alienistas que é um phenomeno frequente nos doidos a confusão na percepção dos sentidos—querer pegar a luz, ver o som, ouvir a luz...

Eis ahí uma fonte perenne de *novas sensações, de estados de alma* novissimos. Neste genero encontram v'cêz inspirações de sobra, Srs. de Santiago: aqui vão algumas receitas para uso de seu estro espiritualizado: adormecer ao som da luz, apalpar o infinito, esculir o perfume do nada, mastigar um trovão ou cheirar uma sova de pão.

Mais adiante *Pedro* o *Folho*, depois de ter nomeado sachtistão do *Centro Litterario* o *Rodrigues de Carvalho* e da *Padaria* o *Lopes Filho*, ameaça dep'essa dessas arguis, prometendo

vir elle mesmo exercer as funções de sineiro no Ceará.

Quando quizer, O Ceará é hospitaleiro e quem procura as suas plagas é sempre bem recebido. A Padaria não tem sinos nem nos consta que os tenha o *Centro*. Mas não faltam sinos e sinetas onde *Pedro*, o sachtistão, satisfaça a predilecção que tem pelas badalas. Até mesmo no hospicio de Porangaba ha uma sineta cujo badallo não é tão colossal como o do *Lopes*.

E para enfermos o clima do Ceará gosa de nomeada.

Lavra depois um protesto apaixonado—, contra a opinião geral, *que deu a Antonio Salles, Lopes Filho e Rodrigues de Carvalho a coroa de louros que ornou Dante e Homero e que agora cinge o tronco leonino de Luiz Murat*.

Pobre do *Pedro*! Sem ter ao menos o criterio do senso commum para distinguir uma coroa de louros de um cinturão, como se quer arvorar em juiz da critica litteraria?

Temos de pedir á illustrada Redacção da *Semana* que releve ao toleirão da *Thebaida* os sandices que por nessa causa lhe dirige.

«Perdoai-lhes! Elles não sabem o que fazem!»

Termina *Pedro* a sua verborrhegia dizendo que [para nós estão sempre fechadas as janellas gothicas da *Thebaida*.

Não é preciso que se incomodem. Podem deixar abertas as suas grutas (os anachoretas da verdadeira *Thebaida* nunca tiveram janellas). Nós não iremos lá. Com doidos não queremos negocio.

E demais: Um homem que se preza não entra por uma janella; entra sempre pela porta que se abre hospitaleira, ou pela brecha que abriu á força.

E alem disso, nós estamos convencidos de que a esta hora v'cêz já têm janellas gradeadas de ferro e estão sujeitos ao regimen das duchas e das camisas de força.

Houve duas Thebas na antiguidade celebres: uma, egypcia, na Thebaida, preferida dos anachoretas; outra grega na Beocia, de que era rapital.

E' desta ultima sem douda que se originam os jornalistas da Thebaida—papel.

Beocios!...

R. J.

ESTHER

Pela janella aberta a Aragem fria Entra trazendo o aroma dos rosas. E o sol, abrindo as palpebras reaes, Settas e sottas d'ouro fosco envia.

No entanto, Esther, a pallida Julia Solas brancas cortinas virgines. Sonha com as claras noites orientaes. Cheias de luz e do melancholia.

Humido o labio, tremulo, rosado Supplica um beijo... O seio delicado Arfa de leve entre os albeitos folhos

Sonha e sorri, os ciltos apertando. —Negras franjas de seda, resguardando

As duas negras pupilas dos olhos Cearenses—18—1891

ESTHER BARRETO

Historia de uma larva

(A RODOLPHO THEOPHILO)

Tinha o feitiço de um chapéu de lico
E a cor do occaso — mescla de ouro e
(rosa,

O cáculo gentil, extranho e rico
Da larva desgraciosa.

Deixando a patria um pequenino ar-
(busto
Que vegetava proximo á vivenda,
Subiu com muito custo
A vidraça na qual fez sua tenda.

Pendrou-se enroscada de um caixilho;
E como o heroe que morre para ovante
Nascer da gloria no triumphante brilho
A um calmo somno se entregou con-
(fiante.

Quando o dono da casa deu por ella,
Ja não tardava o suspirado dia...
---Seria branca, azul ou amarella
A futura phalena? elle inquiria,

E todas as manhãs, mal despertava,
la espreitar o cáculo suspenso
Que cada dia mais se engurgitava
Tomando um colorido mais intenso.

De perto o contemplando,
Azas, pernas e antenas
Viam-se mais e mais se accentuando...
Faltava um dia apenas...

Esse dia chegou:
A chrysalida enfim abriu-se no alto,
E a borboleta della se escapou
De subito, num salto.

Era linda! — amarella,
Com olhos cor de brasa
E uns tons rubros na oura, ella
Das duas grandes azas.

Inda mal firme sobre as pernas tremu-
(las,

Som força e sem coragem,
Ella movia as tropegas antennulas
Ante o esplendor cantante da folha-
(gem.

Poz-se a scismar... Parece que igno-
(rava
O prestimo das azas... Pobresinha!
Como não hesitar si---pobre escrava
Adormeceu e despertou---rainha?

Soberana dos campos, das devezas,
Tendo um vassallo fiel em cada flor,
Talvez de taes grandezas
Ella temesse o insolito esplendor...

Talvez, podendo pelo espaço agora
Vogar a bel prazer, de pollen farta,
Chorasse a humilde condição de ou-
(treira,
O tempo em que era misera lagarta.

Mas a sorte era voar,
Era correr campinas e rosas,
As flores todas, todas oscular
Sem se deter jamais

Tal como os combatentes
As armas apresentando para as luctas
Ellos as azas brandias, agora encurtas
Sentindo-as leves, fortes, obedienciaes

E, brusca, douda, e fere, fremente,
Alou-se e se evolou pela janella,
Enquanto no caixilho, tristemente,
Balouçava vasto o berço della.

Que loucas expansões de adolescente!
Quanto gososo febris!
Festivo, o mundo lhe sorria á mente
Como através da embriaguez do ha-
(chiz

Joven, livre, de sonhos mil repleta,
Saturou-se de luz, de sons, de aro-
(mas...
Mas em breve sentiu a dor secreta
Com que, oh Natureza, tudo domas.

Vendo somente então que estava a sós,
Doen-lhe fundo aquelle isolamento;
---Sombrio pareceu-lhe o firmamento
E o mundo um ermo atroz...

A vogar pelo espaço em louco adejo,
Num prurido febril de liberdade,
Sentiu na carne a ansura de um desejo
E na alma o pôr-do-sol de uma sau-
(dade

Tristonha se deu a agitar entre as rãs
Do jardim... Mas ao fim de alguns ins-
(tantes
Além surgiram lépidas, radiantes
Duas formosas borboletas---duas.
5 Julho---1895.

ANTONIO SALLES.

Do campo

PREZADOS CONTRADES

Não sei porque me invadiu hoje um de-
sejo irresistivel de descrever a vocês a
seena mais encantadora e pittoresca que
os meus olhos de mortal têm, nestes últi-
mos tempos, contemplado. E foi tal o de-
sejo, tão forte a tentação, que só me livrei
della depois que rabisquei as linhas abaix-
o, que não são mais do que a reprodução
da risonha festividade campestre, que
acabo de assistir em homenagem ao mais
popular dos thaumaturgos — S. João Rap-
tista.

Si acharem que a minha narrativa é
digna de apparecer em letra de forma
mandem na para *O Pão*: si porem se der o
contrario, por falta de colorido nas des-
crições ou originalidade na forma, não
têm mais do que condemnar-a ao limbo.

A's 6 horas da manhã já eu estava do-
pé, no vasto salão do centre, abrangendo
n'um olhar investigador a multidão que
chegava n'uma exhibição de trajes sim-
ples, sem requintes de moda, de uma sin-
gular esquipatica. Grupos de homens se
formavam pelo pateo, á sombra protectora
dos cajueros seculares, a conversar, ora
rindo, ora gesticulando, fazendo comen-
tarios sobre os episodios da vespera pas-
sada no lado da fogueira, embalados por
um suggestivo baído de gomeadora viola.

E as mulheres iam entrando, invadindo
todo o aposento, agglomerando-se em fren-
te á capelinha, aberta de par em par,
numa composição de acanhamento e res-
peito. Dentro, um sacerdote de verdes
annos, magro pallido, de fronte intelligen-
te e olhos bondosos e invencivel languida

com modos paternaes a absolvição a uma
penitente prostrada a seus pés.

A multidão augmentava á proporção,
que iam chegando os fleis de mais dis-
tante.

A casa ostentava um ar festivo de lapi-
nha enfeitada. Arcadas de pa-ha verde em-
molduravam as portas e bouquets de flores
naturaes pululavam suspensos das paredes.
Em frente á capelinha pendiam alvas cor-
tinas entrelaçadas de palmas verdes e ca-
doias de papel de côr. No altar ardiam velas
entre os jarros de flores muito brancas, e a
Virgem da Bonança toda terna, toda riso-
nha, de mãos postas, parecia contemplar
os fleis, entre uma imagem do Carmo e
outra do Sagrado Coração: Tudo ali re-
quebrava alegria, contentamento, simplicza
e doçura.

A luz alacre da manhã inundava o salão,
jorrada pelas janellas abertas, e a brisa
acariaciadora impregnava todó o aposento
de exalações de jasmim.

Pora o sol doirava o vasto ambiente,
reluzindo na pelteia velludosa da folha-
gem opulenta. Apenas as serras ao longe,
para o occidente, pareciam dormir ainda
entre lençoes de nevoa, numa quietude
bucolica de remanso e de calma.

A's sete horas uma sineta se fez ouvir,
badalando com um timbre metalico e rude,
quebrando a mudez das couzas com um
som vibrante e secco. A missa ia come-
çar. Os fleis invadiram todó o aposento,
procurando collocar-se enfrente á capeli-
nha alegre, numa ardente contricção de
erença devota. A varanda encheu-se de
homens de todas as idades que se apinha-
vham de joelhos em terra, alongando o
peseço para ver bem o altar e o salão do
centre regorgitava agora, repleto de mu-
lheres, umas envoltas em chales de lã, ou-
tras em lençoes de a'godão, numa promis-
quidade bizarra e pittoresca.

O padre appareceu de estola, manto
doirado, todo paramentado, e, de mãos
postas, começou a orar no missal aberto
sobre o altar, de cujas bordas pendiam as
rendas alvas e frescas de uma toalha en-
gommada. E na physionomia d'aquelle sa-
cerdote novo, alto, esbelto, de olhos inge-
nuos e castos, revestido de uma gravidade
sympathica transparecia uma felicidade
ineffavel por se ver correado daquella mul-
tidão de simples, de almas mysticas
que o ouvia celebrar com religiosa at-
tenção.

Destacava-se entre as mulheres um pe-
queno grupo de meninas de dez para onze
annos vestidas de branco, com laços de fi-
ta azul nos casacos singelos e velas acce-
sas na mão.

Eram filhos do povo que vinham receber
a primeira communhão.

Todas ellas pareciam exultar de conten-
tamento genuflexas aos pés do sacerdote
recobendo a santa particula. E as velhi-
nhas humides, de rosarios entre os dedos
rugosos, olhavam-n'as com ar compungido
lembrando-se talvez dos tempos idos, quan-
do, com aquelles mesmos trajes, recebe-
ram pela primeira vez o corpo do Jesus-
feito Homem, transformado em pão e re-
presentado na hostia branca que um padre-
lhos depunha nas boceiras rosas e infan-
tis. E enquanto resavam fervorosas, en-
ta revia na minha phantasia encarnada
nesta estrophe dos *Simplex*.

A velinha rosa, rosa a fervorada.

Tão velinha o branco, branco de jasmim.
Que a idéa do centro do esplendor sa-
nhada

Entre palmas verdes até Deus levada
 V'um andar do rosas pelos serafins...

Depois terminou a missa e o povo e me-
 cou a se dispersar por toda a casa, accumu-
 lando-se na varanda, dividindo-se em peque-
 nos grupos pelo terreiro.

O Marcos Serrano, dono da casa e pro-
 motor da festa—chamava a minha attenção
 agora para certas scenas mais pittorescas
 representadas, ao ar livre por conhecidos
 que se encontram e acumpriam amiza-
 zavelmente. E havia em tudo uma alegria
 limpida e franca, desprendida da alma d'
 aquelle povo rustico e expansivo.

Mas uma nota triste punha uma nodosa
 negra naquella Eden de felicidade, contras-
 tando, como uma ironia da sorte, com
 aquelle espectáculo de paz e de ventu-
 ra. Nem todos eram ditos em meio aquella
 atmosphera de festa...

Poucos metros distante, um infeliz laza-
 ro, envolto em trapos, agachado no chão,
 abrangia num olhar de supplica a multidão
 compacta, devorado de despeito pelo in-
 differentismo dos seus semelhantes alheios
 a tantos infortunios. Tinha vindo tam-
 bém para assistir à festa, ou à missa,
 mas como o seu estado de leproza o não lhe
 permitia approximar-se dos outros, ob-
 servava-se longe, espelhado talvez por
 uma colera surda e profunda.

E eu, que o contemplava, sentia na alma
 uma impressão dolorosa lembrando-me
 de que aquelle infeliz era feito da mesma
 carne e do mesmo sangue que todos aquelles
 que se julgavam ditos, mas que, por
 um capricho da sorte, andava exhibindo ao
 mundo o ferrete com que o havia marcado
 a Fatalidade.

E dizer que ha um Deus de bondade que
 decide com todos o mesmo perdão e a
 mesma misericordia...

...E foi sob estas impressões, ora alegres
 e ora tristes, ungido de creança, agui-
 lhado de duvida, que lancei no papel as
 notas acima, que dão uma pallida idea do
 esplendor e do encanto que teve o S. João
 aqui no seio destas arvores frondosas on-
 de um milhão de aves canoras saudam
 o dia com accordes de alvorada excec-
 tada por hicos chilreantes...

Alto da Bonança—26 6—95.

SATYRO ALGHERE.

NOIVADO ETERNO

[DE H. HEINE]

Quando estiveres no jazigo,
 O anilha doce bem-amada!
 Heide chorando, ir ter contigo
 E lá de-abrã a te manimada!

Nessa mudez, harrível, fria
 Não sentirás os meus abraços,
 Mas eu tremendo de agonia
 Caio-te exanime, nos braços!

E, meu norte em ponho, os mortos
 Surgem, em rondas, no luar...
 Mas, nos immoveis, não abertos:
 —Ah! sim, deixamol-os dançar!

Sua a Trombeta: acêda o Mundo,
 Vão todos ser enfim julgados...
 Porém o somno é tão profundo
 Que não ficamos abalados...

Lisboa 1895

ALVARO

A normalista

II

João da Matta e a amasia pedleram
 tão bem a Maria do Carmo e se inter-
 ressaram tanto por ella, que, embora
 os vencimentos do amannense só
 dessem para comer mil, elles poze-
 ram a montu no collegio da Imma-
 culada Conceição, pagando a pensão
 e outras despesas, não dizendo o au-
 tor taes verbas de que cofre sahiram.

Aquelle casal sem filhos recebeu
 como um presente do céu a sadia
 creança senanaja e fatalmente se do-
 dicou ella.

Maria estivera no collegio até ser
 moça, de onde sahira para continuar
 a sua educação na Escola Normal.
 Nas horas vagas, em casa do padrinho,
 a rua do Trilho, ensaiava no piano
 trechos de musica e a noite, na fechada
 na camarinhã o *Primo Bazilio*, que lhe
 havia emprestado uma collega da Es-
 cola.

Aqui já começa o sacrificio do na-
 turalismo ao romantismo.

Maria do Carmo perde na Escola
 Normal em poucas semanas todos os
 sentimentos religiosos, batidos e en-
 raisados em seu espirito em seis lon-
 gos annos de vida asctica! A sua pia
 devoção fortalecida pela fé e pelo
 habito fugiram-lhe do coração quando
 seus olhos viram a entrevista de Ba-
 zilio com Luiza. Não houve resisten-
 cia, não houve revolta do pudor, ape-
 nas a besta mordem-se de sensualidade,
 as carnes tremem, e aquella mulher
 pubere, innocente ainda, teve impetus,
 como qualquer messalina, do gosar
 de delictes carnaes, mas que não co-
 nhecia!... Pouco foi preciso para re-
 volucionar aquelle espirito, derro-
 car o baluarte da castidade escudado
 na religião e no pudor! Maria, contra
 todas as leis psychologicas e physio-
 logicas, vendo somente com os olhos
 d'alma quadros eroticos, com os or-
 gãos sexuaes em completa inação,
 sentiu uma estranha trepidação vibrar
 em todo o seu systema de nervos e de
 musculos!... Estava prostituida mais
 que moralmente. A convivencia na
 Escola Normal, n'esse lugar de per-
 dição, se encarregaria da prostituição
 physica.

Aquelle estabelecimento de educa-
 ção foi o objectivo do Sr. Caminha,
 que precisava de um meio corruptor ao
 qual a heroína de seu livro se adapta-
 se, e esse meio, muito embora fosse
 a verdade sacrificada, julgou encon-
 trar na Escola Normal. E' o que re-
 salta de quasi todas as paginas da
Normalista.

Maria do Carmo frequentava uma
 escola sem mestres e sem moralida-
 de. Não sei qual é mais atacado pelo
 Sr. Caminha se o ensino ou se a mor-
 tal do estabelecimento.

Do director, a quem responsabilisa
 por tudo que de ruim acontece na
 Escola, assim descreve o physico, à
 pagina 98:

« Fez-se um silencio respeitoso, e
 d'ali a pouco surgiu no alto da esca-
 da a figura antipathica do director,
 um sujeito baixo espadado, cara lar-
 ga e cheia, com uma pronunciada ca-

vidade na calote do queixo, ventu-
 excessivamente grande e chata, dila-
 tando a um seio especial, enbelli-
 grisalho descendo pelas temporas en-
 costeladas compactas e brancas, olhos
 mimosos e vivos, testa intelligente...

Por este retrato vê-se a prevenção
 do Sr. Caminha, pois o Sr. Barcellos
 não é lá tão feito assim...

O escriptor naturalista deve descre-
 ver as seus personagens physica e
 moralmente, e o leitor que os sympa-
 thise ou antipathise: mas o Sr. Cami-
 nha não faz assim.

O pessoal docente ora máo, as aulas
 não tinham material necessario ao
 ensino, diz a penna infiel do autor da
Normalista, fallando da Escola Nor-
 mal.

Para se fazer uma idea do atraso
 d'esse estabelecimento em materia de
 instrução leiam-se as liegias de geo-
 graphia do Sr. Herredo, da pag. 99 a
 105, e que era n'aquelle tempo profes-
 sor o Dr. Thomaz Pompeu.

Descrevendo o salão d'aula à pag.
 93 falta a verdade o Sr. Caminha
 quando diz:

« Não se via um só mappa, uma so-
 carta geographica nas paredes, ne-
 hum indicio de esphera terrestre. »

Todos que tem visitado a Escola
 Normal sabem que uma das aulas que
 tem melhor material do ensino é a de
 geographia; o director cameron-se
 em montá-la a capricho.

O presidente da provincia n'esse
 tempo, o Dr. Caio Prado, assiste uma
 lieção em que a maioria das alumnas
 de geographia ignoravam o numero
 dos polos da terra — uma prova suc-
 cinta mais frisante da aptidão e co-
 nhecimentos do professor e da igno-
 rancia crassa das discipulas.

O Sr. Caminha teve em vista ban-
 dar o descredito sobre a Escola Nor-
 mal não só pelo lado da instrução
 como da moralidade.

No ensino está a aula de geographia,
 na moral vem agora elle da pag. 117
 dizendo que o professor de Historia
 Natural encontrou uma alumna a de-
 luxar uma figura obscena, mas com to-
 dos os detalhes! (O leitor que procure
 saber que figura foi essa, que não me-
 nteve a dizer para não escandalisar as
 leitoras d'*O Pão*, embora façam ellas
 parte da sociedade censurista, na opi-
 nião do autor da *Normalista*— bastante
 corrupta.)

Como professor de Historia Natural
 n'aquelle tempo e n'aquelle Escola
 protesto muito solememente contra
 essa inverdade do Sr. Caminha, essa
 monstruosa calumnia, cujo fim prin-
 cipal é lançar o descredito sobre o
 nosso melhor estabelecimento de edu-
 cação.

Maria do Carmo havia de se adaptar
 fatalmente ao meio corruptor imagi-
 nado na Escola Normal pelo autor.

As noções que o Sr. Adolpho tem
 sobre a educação n'aquelle estabeleci-
 mento são tão verdadeiras como as que
 tem sobre o tamanho da Fortaleza, em
 cujo cumbal representa, diz a pag. 121,
 o cumbal de metallica de uma at-
 tampa.

A naturalista Linda, o *Primo Bazilio*,
 vendo as figuras obscenas que as
 collegas desenhavam na Escola, in-
 stituiu o curso do namoro, pela visinha

Lydia, não tardou em procurar um moço que estivesse no caso de representar com ella todas aquellas scenas de Bazilio com Luiza. Esse moço foi Zuzã, quinto annista de direito, rico e amigo do presidente da Provincia. Apaixou-se por elle, o que é muito natural.

Estiveram juntos no Passeio Publico, tomaram cerveja no botiquim, mas se separaram em paz.

João da Matta que até aquella epoca tinha creado Maria como filha, não poupando sacrificios á sua educação, descobrindo as inclinações d'ella pelo Zuzã, enche-se de ciúmes e protesta contra aquelle amor nascente.

Os ciúmes do padrinho, entretanto, nunciam de um amor todo sensual.

João da Matta até então o velho usado, hemorrhoideario, bebado, jogador se transformara subitamente em um devoto de Cupido. Já não lhe agradavam os curinhos da anasia, velha, gorda demais, rabugenta, queria a afilhada enjos attractivos de mulher nova e bonita lhe aguçavam a lascivia.

Maria do Carmo se corresponde com Zuzã, o vê todos os dias no recinto da Escola Normal, onde conversam á farta, beijam-se, imaginam um ninho de felicidade onde em breve gosariam juntos as delicias do hyminu.

Maria, a mesma que gosta diariamente d'esse idyllio, ao lado de um rapaz sadio, vigoroso, bonito, voltando á casa deixa-se acariunhar pelo pai de criação, mas carinhos de lupanar, na mais chata immoralidade, a que o padrinho depravadamente a arrastava, como se vê á pag. 158.

Onde a naturalidade d'essa scena, onde a psychologia d'esse facto?

E' crível que uma moça intelligente, com certa instrucção, apaixonada por um rapaz bonito, com o qual tem diarias entrevistas, deixa-se requestrar por um velho, nojento, bebado e além de tudo seu pai de criação?

Só um estado morbido, uma leção mental, accessos de nymphomania podiam determinar essa depravação do sentido, genésico essa tendencia para creatura de sexo differente qualquer que seja a sua condição, e Maria do Carmo não era uma desequilibrada, não era uma enferma. O defeito aqui é somente de observação: o autor ainda uma vez sacrificou o naturalismo ao romantismo.

A amasia do amannuonar tendo bispado o namoro do amante com a afilhada rompeu n'uma surrieda de improprios e separaram os leitos.

João da Matta deixou a sua *larga cama de jacarandá* e foi dormir na patricia rede, onde dormiram todos os seus ascendentes e onde dorme quasi a totalidade da população cearense, que armou na sala de jantar.

A cama de tão preciosa madeira pela raridade no Ceará, viu-se só com o corpo obeso de D. Theresinha.

Maria do Carmo continuava a namorar o Zuzã dentro da Escola Normal e a deixar em casa se boiar pelo padrinho e mais algumas poucas vergonhas que seu pudor deixava de repellir.

O casamento de sua collega Lydia, sua primeira instructora na arte do

namoro, deixou-a cortada de inveja. Quando viu a amiga sentada ao lado do Loureiro, que desejo vehemente teve ella de estar junto do Zuzã e de representar com elle a scena do Bazilio com Luiza?...

A esperança confortou-a. Um anno se passava, depressa e o academico estaria de volta no fim de poucos mezes e então o casamento e todos os gozos que imaginava aquelle cerebro de mulher apaixonada.

Maria do Carmo assistiu com certa tristeza todos os episodios do casamento da amiga, desde a *subida dos dois foguetes á porta da mãe do noivo*, (costume este desconhecido em Fortaleza) annunciando a sabida do prestito, até o final do banquete, onde os brindes se cruzaram e o peido de dizer asneiras alardeou primazia.

A normalista sentou-se a meza somente para fazer uma acção de presença; não comeu nem bebeu. Aquellas iguarias não tentavam-na, outro era o seu appetite.

As dez horas dissolvem-se a reunião, os noivos tomaram a caminho do Bemfica e os convivas seguiram para as suas casas.

Maria acompanhada pelo padrinho atravessou o trilha e entrou no *casarão*.

RODOLPHO THEOPHILLO

CHROMOS

XXV

A VOLTA

Volta Anastacio da casa.
Tras prés, moco, jacô.
Inda o sol não vem bem nu
da matetina fumaça...

Toda a familia o abraça.
E lhe rodela o urú.
Onde um ralvoso tatú
Estrebuchando o espeduça!...

Nenen, creança de peito,
Quê aquelle som desfeito,
Quer chorar... faz um beicinho...

Martha a sustendo no braço.
Desce as rendas do rogaço.
Beija-a e diz: stá seu peitinho...

XXVI

A SOGRA

Agora mesmo, onze e meia,
Bate o sino na capella:
Na sala apaga-se a vela,
Vica acesa uma candeia.

Sobre um banco saboreia
Mestre Luiz, enja guela
do bom vinho enchelo na cega.

Depo's se ergae tombando
E da sogra a rede embalando
Quebra a corda rija e forte!

Grita a velh, em tom irado:
Sac d'aquí arrengado!
Te desconjuro, sem sorte!

X de Castro

Bibliographia

Coisas Profanas, por Acrisio Motta — Editora, a Livraria Paranaense — Para-

A Mina Litteraria, a brilhante agremiação que tomou nos hombros a tarefa de impulsionar a litteratura paranaense, tarefa de que se vai desempenhando com uma galhardia digna de applausos, acaba de enriquecer a sua bibliotheca com o bello volume de versos de que ora nos occupamos.

As *Coisas Profanas* formam um volume de cento e poucas paginas, nitidamente impresso, com uma carta — prefacio do Sr. Adherbal de Carvalho.

Lyrismo e sensualismo são as notas predominantes do livro. Temporamento ora arreouado, ora incigo, Acrisio Motta, que — apurto alguns peccados veniaes de forma — verjeja com facilidade e elegancia, revela-se um obsecado do eterno feminino.

Parceco-nos que não ha uma só de suas composições que não emmoldure um vulto de mulher — e essa mulher é quasi sempre reventada de attributos diabolicos, sempre rorjante de succo de manceuilhoira.

Quasi sempre, dissemos, porque ás vezes Acrisio Motta expulsa da imaginação essas mulheres fatues e se dirige a entes puros e innocentes como na *Orphé*, uma das mais bellas peças do livro.

Os *Duchesse, Chromo, Madrigal* são bonitos trabalhos.

Desvanecemos-nos em affirmar que o poeta tem vivas sympathias pela nossa terra, o que se deprehe de sua poesia A. V., a qual começa

«Filha da nobre terra de Iracema...»

Bem se vê que é uma cearense a inspiradora desta poesia onde ha esta formosa estrophe:

«Da tua bocca rubra, e sanguinea,
— Taça do loiro vinho das demencias,
Dá-me a sorver orientaes essenelas!
Dá-me a beber a gotta luminosa!
Pomba que vae em pleno azul voando
Do triumphante céo da Fortaleza
Levas num teu olhar minh'alma preza.
A minh'alma que vai sempre cantando
Tua santa belleza»

Concluimos affirmando que foi excellente a impressão que nos deixaram as *Coisas Profanas*.

Um abraço ao poeta e nossos parabens á Mina Litteraria.

Julho 95.

M. J.

REÇADOS

E' conhecida a historia daquella creança qu' querendo dar a outro uma prova dos seus vastos conhecimentos, explicava-lhe o processo de fazer café com leite.

— Você está vendo aquella vacca branca? E' a que dá leite. Estão vendo aquella preta? E' a que dá café. Munge-se uma e outra, mistura-se e pronto!

Vem-nos a mente esta historia. Vou-

do a *Partida* do Sr. Joaquim Carneiro, no ultimo numero do *lracema*, em que se fala de *lactescencias sombrias*.

Lactescente, cá para mim, só pode designar cousa branca como leite ou que se vai tornando branco.

Dizer que é sombria uma cousa lactescente, só se comprehende no caso de entender o autor que vaca preta dá café ou leite sombrio.

Senão, não!

M.

AQUELLA VÓZ

D'essa a quem amo, e quero, e acaricio.
Vae-me por alma a doce voz sentida,
Como se fosse um languido ciclo
De viração ou d'ave enternecida.

Muita vesp'ra escutal-a, no caminho
Do meu Calvario a cruz q' me anquillia
Lanço de rojo... mas o borborinho
De minha dor não me consente ouvi-la!

E' em vão que eu procuro a graciosa
Dona da voz que vibra-me saudosa
Como a nota fugaz de uma ballada.

Por sobre mim de subito sé arquêia
A noite do impossível, me rodeia
O silencio profundo, o treva, o nada!...
Minas.

ERNESTO CORRÊA.

Transpondo a serra

A MISRAEL MONTESUMA

Seis da tarde. A lua, ainda anullada pelos vivos clarões crepusculares, prendia-se á cupola do céu como uma placa de nickel.

Insensivelmente subiamos. Para traz o sertão cavava-se, listrado de refrações solares e zebreado da sombra que espreitava a camara ardente do sol escondida por traz das eminencias.

Refrescava a temperatura. Accidentava-se o sólo. Vegetação mais virente e mais alta emoldurava o risco estreito e fundo do caminho.

Destacavam-se no sombrio embastido da mata os grandes claros dos roçados que se alongavam pelas encostas abaixo, com suas linhas symetricas de milharões a agitar tremulamente as *aigrettes* de ouro.

Casinhhas de folhas de palmeira appareciam imprevisivelmente ao fundo de tuneis de verdura, esfumadas na penumbra crescente.

Ja se debuxava n'á arcia o contorno das frondes batidas no alto pela luz da lua.

Imponentes e graves, arvoredos gigantes elevavam-se sobre nós com suas grandes naves sombrias num silencio religioso do templo vasio.

E subiamos sempre.

Nos charcos começava o requiem dos sapos.

Afagava-nos o olfacto a emanação capitosa dos nenuphars.

Cachoeiras trepidavam por entre os balnearios floridos, donde se escapavam pios assustados e rufos d'azas medrosas.

Aqui o caminho se encurvava

bruscamente, ali se deprimia do subito, lembrando a sinuosidade vertical de uma serpente em marcha.

E os cavallos affeitos áquellas paragens, retesavam os musculos e lacteavam cautelosamente o sólo inundado de treva e de longe em longe alfinetado por uma fresta de luar.

Vozes, tropel, risadas... Era um comboio que vinha de encontro a nós, a bimbalar chocachos, com um ranger de relhos e um ruido de seixos entrechocados.

—Boa noite!—Boa noite! E abrindo espaço por entre as cargas do comboio, proseguíamos a viagem serra acima cheios de scismas nostalgicas, acariciados pelas brisas serranas, balsamicas e frescas.

Do pendor de uma encosta abrupta, descortinava-se a extensão percorrida, —um mar de folhagem, terrivelmente encapellado, com altissimos vagalhões golpeados de luar e fundos abyssos cheios de treva e de soluços d'aguas correntes.

Num trecho de caminho abobadado de ramos, um vulto humano surgiu a cantar e a praguejar... Sentimos um calafrio...

—Stou bêbo como o diabo! Berrou-nos o duende e passou por entre nós a cambalear, a tropeçar em tudo, saudando-nos com grandes mesuras e nos recomendando que tomássemos cuidado com os cavallos, que as ladeiras estavam levadas do diabo, que havia atoleiros, etc., etc.

O bom do homem, que tanto precisava de conselhos, continuou a aconselhar-nos até não ser mais ouvido.

Estava o luar em todo o seu esplendor asilino quando chegámos ao espinhaco da serra, que tinha a forma aguçada de um gume.

Toca a descer. Os cavallos firmando-se nas patas trazeiras estiravam o pescoço a sondar o terreno ás vezes indistincto para os olhos dos cavalleiros.

Adiante, latidos de cães, aromas de café, sons de viola... e uma vivenda nos apparecia, encravada n'um platô descampado. A porta um grupo palmeirava, enquanto, sentado ao batente, um caboclo tangia a viola, modulando um desses chorados languorosos, suggestivos de vagas voluptuosidades...

A friagem tornava-se mais sensível. As plantas rasteiras reluziam de orvalho.

De um cotovello do caminho avistamos lá embaixo a planície como velada por fina gaze brancacenta, esbatida para além num poeiramento subtil a confundir-se imperceptivelmente com a fimbria do horizonte vago e longinquo.

Através dos crivos da folhagem o luar desenhava uma renda alvissima que se estendia sobre o veludo negro da sombra numa profusão caprichosa de arabescos gentis e complicados.

Dentro em pouco, as luzes da cidade scintillavam ao longe, como pequenos olhos fulvos de fira pestanejando a nifudo...

VELHO THEMA

AO JOSÉ NAVA

Dizem que o Amor é um fluido mysterioso que percorrendo o calice iriado do Coração, transforma em venturoso muitas vezes um onto desgraçado!

Dizem que quem lhe experimenta o gozo eternamente fica embriagado como se acaso um noctar veneuoso toda a razão lhe houvesse transtornado!

Dizem, porem, que aquelle que na vida não sabe o que é uma affeição querida e nem do amor a quente alacridade,

jamaiz na senda da existencia escura viu reluzir a estrella da Ventura sob o placido céu da Felicidade!...

(Das Vagas)

Ceará—95.

SABINO BAPTISTA.

Imprensa Litteraria

—*IRACEMA*, n.º 2.—Destavez damos o primeiro logar a esta bella revista do Centro Litterario, que, depois de uma auzenzia de mezes, appareceu de novo e muito mais garrida e bem feita.

A distincta collega está em tudo melhorada do 1.º n.º tanto na parte intellectual sob a direcção de Rodrigues de Carvalho, Pedro Moniz e Francisco Carneiro, como na parte artistica confiada á typographia Studart que caprichou em apresentar aos rapazes do Centro um trabalho digno.

Traz um variado cabedal de bons versos e boa prosa devido a pennas já bastantes conhecidas em nosso meio litterario. Entre as produções de valor real destacamos as duas primorosas estrophes de H. Castriciano, intituladas —*Na solidão*, onde ha grande somma de sentimento e correção; e quanto ao mais não podemos fazer maior elogio ao *lracema* do que dizer que em nada desmerece dos creditos do Centro Litterario.

—A SEMANA, n.º 89.—Como sempre Valentim Magalhães e Max Fleiuss mandaram-nos mais um n.º variado e cheio da sympathica collega fluminense.

Estão na altura de francos elogios: *A Bocca do Inferno*, conto de Urbano Duarte, escripto naquelle bom humor sadio dos incomparaveis *Humorismos* de J. Guerra, e o bellissimo soneto de D. Julia Cortines intitulado—*A minha musa*.

Merecem tambem menção—*A barata*, soneto de Guil-Mar e o Correio, do patusco e causticante Enrico.

Agora o que nos fultam tão phrases bastantes para agradecer *A Semana* as bisongueiras referencias que nos fez na secção *Chronica dos Livros*, onde são apreciados os *Mezes* de G. Fioravanti. A unica phrase que nos salta da penna para significar ao *Ela* a nossa gratidão resume-se num simples—muito obrigados.

—O ATOM—É um jornalinho 2.º 3.

cioso publicado por alguns estudantes de preparatórios da Capital Federal. Recebemos o n.º 4 e 5 que trazem estudos de *Historia Universal e Historia Natural*, contos, poesias, aneddotas, charadas etc. etc.

Atendendo ao justo pedido que o collega nos faz, desculparamos as *encorrecções typographicas* e lhe havemos de mandar *O Pão* com toda a pontualidade.

—REVISTA ACADEMICA, anno 3.º, n.º 1 Esta brilhante publicação, organ do Gremio da Faculdade Livre do Direito do Rio de Janeiro, visitou-nos pela primeira vez, e com um magnifico n.º

Do seu summario destacamos o bem lançado artigo do Dr. Sylvio Romero, intitulado *Philosophia do Direito*, que incontestavelmente é um trabalho de grande valor. Tudo o mais que enche as 8 paginas da *Revista Academica* é digno de ser lido.

—REVISTA ILUSTRADA, n.º 687.

Como os anteriores, o presente n.º da *Revista* está fásicante de *révee* e de espirito finissimo. Traz na 1.ª pagina uma magnifica allegoria representando o Senado na questão da Amnistia, e na ultima um bom retrato do distincto e laureado actor Erneste Novelli.

As duas paginas do centro occupam-se de criticas a assumptos loenes interpretados com um espirito incomparavel. O texto está como sempre variado e bem redigido.

—DOM QUIXOTE, n.º 20 e 21. Esplendidos estes dois n.ºs do jornal do Angelo Agostini.

O primeiro occupa a 1.ª pagina com a já velha questão do Senado negando a Amnistia, e as duas paginas do centro com a pacificação do Rio Grande do Sul, trazendo na ultima pagina uma espirotuosa critica nos disturbios havidos em Ouro Preto entre caixeiros e estudantes. O segundo é todo consagrado a finissimas criticas feitas a politica actual, onde Sancho Pança faz proezas do arco da velha...

Ambos trazem textos magnificos onde a harmonia de versos bem burilados casa-se á correção de periodos vibrantes e nervosos.

Em resumo:—dois numeros cheios estes do *Dom Quixote*, quem penhoradissimos agradecemos as lisongueiras referencias que fez a um n.º d'*O Pão*, do qual depois de transcrever o summario diz o seguinte:

Um numero excellento que mostra o desenvolvimento intellectual dos brilhantes rapazes da Padaria Espiritual, á qual está reservada um logar distincto na historia da nossa tão pouco apreciada e animada litteratura. Captiva-nos esta gentileza do collega.

—REVISTA CONTEMPORANEA, n.º 11—Um bom numero este que temos á vista. Traz magnificos artigos de Francisco Pereira, E. Barros, Clovis Bevilacqua, Paulo de Arruda, Athur Muniz, Theotônio Freire, Alfredo Castro e honrosos versos de Demosthenes de Olinda, Gervasio Fioravanti e Miguel Barros. Sempre variada e attractiva a sympathica revista pernambucana.

—REVISTA MODERNA, n.º 7—Impressa em papel amarello e com um optimo summario, traz, além de outras matheas, bons artigos sobre *Pinheiro Chagas*, *Nova Industria* e uma carta

aberta do Sr. Olympio Galvão, que nos diz respeito.

—A PAGINA, n.º 1.—Do Rio Grande do Sul recebemos o primeiro numero de uma revista litteraria que ali se publica quinzenalmente com o titulo acima, sob a direcção de Santos Junior, Pinto de Azambuja e Franca Pinto.

—O LIVRO, n.º 4—Escollido summario onde ha produções de merito como *Scena Oriental* de Costa e Silva

—SIRIUS, do *Gremio Evolução*, da Bahia, recebemos os cinco primeiros numeros de uma nova revista litteraria que se publica semanalmente sob a direcção do Dr. Manoel Britto, Filgueira Sampaio, Abilio de Carvalho e M. Coelho. Longa existencia ao collega.

—REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, annos IV e V, n.ºs 11 e 12—Pela primeira vez recebemos esta util publicação paraense de Pedagogia, Sciencias, Lettras, Artes e Instrução Publica. Publica-se mensalmente sob os auspicios da Direcção Geral da Instrução Publica do Estado do Para e é dirigida pelo Sr. Octavio Pires.

—A EPOCHA, n.º 1.—Añda uma outra revista paraense temos sobre a banca de trabalho. Intitula-se *A Epocha* e é publicada sob a direcção do nosso conterraneo Th. Ribas.

Traz bons artigos scientificos eliterarios e versos inspirados e correctos.

—A todos os collegas agradeceremos a permuta e promettemos toda pontualidade na visita d'*O Pão*.

S. B.

CARTEIRA

«THEOURO DO LAR»

O Sr. Francisco R. Salgado, digno agente da sociedade de seguros de vida —A Equitativa—teve a gentileza de nos obsequiar com dois fasciculos da interessante publicação—*O Theouro do Lar*.

Um corresponde ao trimestre de Outubro a Dezembro do anno passado e o outro ao de Janeiro e Março do corrente anno, e ambos contem, além de preconcios e informações em favor do fim a que são destinados, bons sonetos e bons trechos de escriptores e poetas portuguezes, francezes e brasileiros, assim como primorosas goavuras. Agracendo ao Sr. Francisco Salgado esperamos que A Equitativa na sua obra de propaganda se haja de lembrar sempre de nos com a remessa do seu gracioso *Theouro do Lar*.

«O PERMUTADOR»

Da cidade de Campina Grande, Parahyba, recebemos um pequeno folheto com titulo acima, o que agradecemos.

«A PROVINCIA DO PARA»

Esta nossa apreciada collega paraense ha muito não nos dá a honra de uma visita, o que muito nos tempegnalizado, pois é sempre com prazer que lemos a distincta e proveyta colle-

Desde o começo de maio nunca mais *O Pão* foi honrado com a visita d'*A Provincia* e semelhante falta não sabemos quem attribuir, si ao seu remessista, ou si á repartição dos Correios, que não é lá para que digamos...

Fazendo esta reclamação não temos em mira levantar accusações contra quem quer que seja,—apenas registramos o facto.

CARLOS GOMES

De volta de sua viagem ao Para, onde lhe foram prestadas as mais justas e brilhantes homenagens, passou por esta capital o glorioso autor do *Guarany* e do *Esqueto*.

Era completamente ignorada a vinda do illustre maestro e por isto não recebeu elle do povo cearense as demonstrações de admiração a que tem direito, e que lhe seriam prestadas, estamos certos, com toda a espontaneidade e enthusiasmo.

Muitas horas depois da chegada do vapor, foi que circulou a noticia de sua presença em nossa capital, indo grande numero de pessoas cumprimental-o no hotel.

Reiteramos aqui as saudações que então dirigimos a Carlos Gomes.

«FINALIDADE DO MUNDO»

Em nosso proximo numero daremos uma noticia sobre este livro do illustre Sr. Dr. Farias Brito, da Academia Cearense, o que não poderíamos fazer satisfatoriamente agora attento á transcendencia da obra e a sympathia que nos merece o autor.

Por ora apenas temos que consignar aqui a nossa convicção de que a *Finalidade do mundo* ira despertar o mais vivo interesse nos circulos pensantes do nosso paiz, fazendo convergiem todas as vistas para a Academia Cearense, onde se agrupam muitas das melhores capacidades do Ceará.

«JORNAL DA TARDE»

Publica-se ha dias, com successo e favor publico este jornal do José Olympio e Tiburcio de Oliveira, com os quaes nos congratulamos, desejando que a fortuna não os abandone nunca.

«PALMÊIS»

Está no prelo, em adiantada composição o livro de contos—*Palméis*—do Quintino Cunha.

O trabalho está sendo feito nas acreditadas officinas dos Srs. Cunha, Ferro & C.ª, onde tem sido impresso grande numero de livros cearenses.

«CHROMOS»

Nestes proximos dias serão distribuidos pelos assignantes e postos á venda os *Chromos* do malogrado Xavier de Castro.

ALMEIDA BRAGA

Esteve a passeio aqui e ja regressou para o sertão, este nosso querido camarada, sempre forte, nutrido, jovial e com o costumeado sortimento de paradoxos e bons ditos.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos de Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbianna de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc

PEITORALDEJUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, de tísica, etc

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

140 Rua do Major Facundo 30, Ceará.

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DENTE ESTADO

Joias de ouro, **brilhantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc, **Relógios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54.

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO,

Manoel Pereira dos Santos

180 B - Rua Formosa - 180 B

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 16.